



Mp3 & **outras minificções**

HENRIQUE BARROSO

lúmen

HENRIQUE BARROSO

Mp3 & outras minificções

hnmus

Para o Daniel
Para o David
Para a Silke

Aos meus Pais:

*À minha Mãe,
cuja preocupação primeira,
mesmo naquele tempo agreste,
foi pôr os cinco filhos a ler e a escrever,
ela que dizia, e ainda diz,
não sei uma letra do tamanho da torre.*

*Ao meu Pai,
(à sua memória),
que era carpinteiro
e também um Homem por inteiro.*

nano e microficções

Missa sem evangelho

Podes até ser bom rapaz mas não vou à tua missa
O culto é oculto

A mentira

Um papel no chão: “Tu não és bonita Tu não és
feita de Sol Eu não te amo a ti”

Valores

Uma sala escura. Ele:

– Estou neste reino Vim de outro mundo Quanto
mais falo mais vejo o fundo Nesta morada tenho
de ser, não por paixão mas pra viver Neste jardim é
bom sorrir, não por estar bem mas pra fingir Voltar
a casa seria bom, não pra fugir mas pelo tom

O cerco de Lisboa

Lançam as cordas com laços	Sei bem
Querem impor regras próprias	Também
Sempre cirandam e rondam	Por bem
Querem mesmo amordaçar	Alguém

Não se é justo sem ser livre	Porém
------------------------------	-------

Pirâmide invertida *e* coador

Prefiro ser vassalo de rosto levantado a grande suserano
curvado todo o ano

Para além disso
a base tem os
pés no chão
e o vértice
a cabeça
no
ar

Consequência

O menino de 4 anos para a professora:

– Como não sou nem seguidista nem impostor,
transporto ao peito queira ou não queira o dissabor”

Queriam!

Um pelotão de fuzilamento. As últimas palavras do condenado:

– Pode não parecer por fora Mas sou livre absolutamente livre por dentro”

Permissão

Cleópatra para Marco António:

– Se a chantagem for o último recurso para reaveres o que te pertence, vai em frente e fá-lo Estás autorizado

Litania do presente

O padre, francamente inspirado, dá início à ladainha:

- Denuncias a burocratização?
- Sim, denuncio.
- E todos os seus excessos?
- Sim, denuncio.
- E os seus inventores que não têm nada que fazer?
- Sim, denuncio.
- Denuncias a divinização do mundo virtual?
- Sim, denuncio.
- E as plataformas ‘e-qualquer coisa’ que nos infernizam a vida?
- Sim, denuncio.
- E o correio eletrónico que nos asfixia?
- Sim, denuncio.
- E todo o lixo internético que se reproduz à velocidade da luz?
- Sim, denuncio.

- Denuncias a hipocrisia disfarçada?
- Sim, denuncio.
- E todo o seu veneno?
- Sim, denuncio.
- Denuncias o trabalho estúpido?
- Sim, denuncio.
- E quem o manda fazer?
- Sim, denuncio.
- E a obsessão das estatísticas?
- Sim, denuncio.
- E da sua deturpação?
- Sim, denuncio.
- Denuncias a civilização da pressa?
- Sim, denuncio.
- E da futilidade?
- Sim, denuncio.
- E da falta de humanismo?
- Sim, denuncio.
- E da natureza canina do homem?
- Sim, denuncio.
- E do faz de conta?
- Sim, denuncio.
- Morra este tempo que nos trucidar!
- Pim.

Perseverança

É lento mas estou

É lento mas vou

É lento já está

Uau! Consegui!

Apenas química

Cinco bolinhos chineses da sorte, cinco mensagens:

Sê grande sendo pequeno

Sê tudo sendo nada

Afirma-te anulando-te

Saboreia dissolvendo-te

Agarra-te soltando-te

Temporalidades

Dizia assim o epitáfio: “Sou inteiro Fui inteiro
Vou ser inteiro Ponto final”

Cortesia

À saída de uma ourivesaria:

– Não preciso que me consideres (*Pausa*) Só não quero me desconsideres

Cartão de boas-festas

Pendurada na árvore de Natal, uma folha A4: “Não preciso me desejes Bom Natal Só não quero que me trates assim mal”

Oração que a vida me ensinou

O padre, na missa, cada vez mais inspirado:

- Pai nosso que estás aí, humanizado seja o teu nome, venha a nós o nosso reino, seja feita a nossa vontade assim aqui como aí
- O pão nosso de cada dia nos dá hoje, perdoemos uns aos outros todas as faltas de tato e não nos deixes cair do avião e livra-nos de todas as sacanices

Zé-povinho

Um cartaz erguido bem alto numa manifestação:

Não, Senhor Primeiro-Ministro. Não!
O Senhor vá mas é lamber sabão!
Se todos lhe fizessem um manguito,
num instante ia ver-se bem aflito!

Sinestesia

Ele abre o dicionário e procura a definição de 'sinestesia'. Finalmente, encontra: "Não sei se era flor para se tocar Sei que não é flor que apenas se cheire É bastante amarga e pouco florida"

Sabedoria

Resposta serena do juiz:

– Nada como impressionar pela bela linguagem
ainda que seja oca Efetivamente descapitalizar
lógicas plurais e outras que tais dizem muito mais
do que se quer dar... rigorosamente

Homogeneizar

A casa vazia, um bilhete na mesa: “Vais cair um dia também
Hás de erguer os braços também Estarei
pois já longe também”

D. Salamurdo

No meio das páginas de um livro, uma anotação a lápis: “Dei-te um sinal pra me salvars, e o teu silêncio inesperado aleijou tanto... que também hoje já lá vão anos inda me espanto”

Mp3

De sábia tens
o nome apenas

Sophia

De resto foi
puro fiasco
um mero logro

... ..
deslumbramento
mas do avesso

Desprendimento

Qual raposa e as uvas que ao cair da parra nem
pestanejou Que eram para os outros Que não
prestavam mas foi fazendo pela vidinha E de orelha
afilada nem um fora da pancinha

Estatelamento

Era uma menina muito ambiciosa que de tão vaidosa mirou o umbigo toda deleitosa E tanto gostou que não hesitou em puxar por ele pra fora da pele E este cresceu mais alto que o céu que encobriu o Sol e escureceu
Por estar às escuras subiu sem tremuras pisando aqui trepando ali com todo o desdém por qualquer alguém que nem reparou como é que montou
Sozinha no alto não sabe descer e sem paraquedas como vai fazer
Só em queda livre e não é pra ver

Tirocínio

Napoleão, na ilha de Elba, frente ao mar:

– Por vezes arrebatava-me como águia à presa
para não cair Outras vezes arranhava-me como se
lançado às silvas para me medir

Coisas simples

Repara só nos modos como fazes essa massa, como misturas as pepitas de chocolate, como colocas os montículos no tabuleiro, que vai ao forno a altas temperaturas

O finalista

A mãe, em jeito de balanço:

– Chegado ao fim deste ciclo sentes-te já rapazola
Não só fazes bem as contas como queres ir para a
escola

– E a tua independência é digna de admiração

Puxas a mãe e o pai para te darem o abraço

– Todo tu és um jeitoso e também um marotão Se
te apontam qualquer coisa teu olho é um lagrimão

– Sê sempre um bem-disposto meu filho pela vida
fora e que esta te sorria como tu sorris agora

Rugas

O menino de 4 anos mirando o pai de perto:
– Pai, tens riscas Uma Duas Três ...

Pináculo

Apenas
ama
e sempre
deu
Subindo
às torres
chegara
ao Céu!*

*Como é evidente, este texto é para o Prof. Amadeu Torres.

Tatuagem autorizada

A agulha usada pra me marcares era invisível Não
deixou sangue Apenas marcas que quero marques

Radical

Depois de ler a *Carta a El-Rei D. João Nosso Senhor*:
– Pensar radicalmente a Humanidade é próprio
apenas de homens com simplicidade

Furto

O que é a crise? – pergunta o engravatado. O colega sem óculos responde:

– Apesar do verão o meu país está cada vez mais frio quase enregelado Os representantes roubaram a Esperança aos representados

Arrepio

O que é o vazio? – pergunta o professor à turma. E nisto ouve-se da boca do aluno que nunca falava:
– É o mundo cheio de nada ou, se calhar mais inteligível, quando já se não tem chão para pôr os pés

Delfos

Ele diz:

– Recurvados sobre o umbigo redemoinham
extasiados e sorriem... No entanto nós sabemos
(uns coitados!) que os sorrisos são forjados.

Mentes a secar

Só pensam na bênção De tanta tensão não comem
a sopa nem querem o pão Vislumbram o gato que
arranha a aranha que trepa na lenha por detrás
do cato Sisudos e sós olham de soslaio como o
papagaio preso aos ilhós

Fábula

Estava, certo dia, um almocreve mentirosamente posto em sossego quando o abordaram e lhe disseram:

– A tua récua está a comer demasiado. Se assim continuar, a breve trecho, será economicamente insustentável.

Sem delongas, o almocreve corta-lhes na refeição; e os animais, desconcertadamente descontentes, tiveram de engolir.

As mesmas vozes, volvido pouco tempo, voltaram a zumbir nos ouvidos do almocreve. E este, sem pestanejar, zás!, de novo cortou na ração das alimárias que, olhando-o naturalmente de soslaio, não tiveram outro remédio senão aquiescer: comerem o que tão simplesmente lhes davam. Ponto final. Ainda a Terra não havia rodado assim tantas vezes em torno de si mesma, e já os doutos deste mundo bichanavam algo mais aos ouvidos do almocreve.

Este, qual joguete, caiu, sem dó nem piedade, em cima das azémolas reduzindo-lhes drasticamente o sustento; e estas, claro, dada a sua condição, lá tiveram de se contentar – seria?!... – com o que lhes dava aquele.

Os senhores do mundo voltaram à carga. E o almocreve, qual pau mandado, reduziu, mais ainda – não sei onde nem como!... –, a ração, e foi levá-la aos animais. Quando lá chegou, nem queria acreditar – ingénuo! –, as azémolas, mais do que tísicas, jaziam, hirtas, de olhos esbugalhados e dentes cerrados parecendo fitá-lo.

E agora?! O que vão fazer o almocreve e os senhores deste mundo, se acabaram de matar as galinhas dos ovos de ouro?!...

A tota e a perdigota

Era uma vez uma tota que andava sempre acoplada
à mais tonta perdigota Ele era tchi-tchi aqui Ele era
tchi-tchi além Sempre por alma de alguém
Certo dia uma perdiz farta de tanta fofoca puxa-
lhes pelo nariz Aqui d’el-rei! – grasna a tota Raios! –
ruge a perdigota E ambas bufam que nem toiras!

.....
Parecia mão divina Uma casca de banana e lá foi a
loiça fina!...

Coroação

Na missa, o padre inspirado como nunca:

– Não estava à espera de ser coroado Menos ainda
crucificado Há todavia quem o sofreu Jesus e outros
e também eu... Mas não importa tanta miséria
porque a vitória é uma léria

Casaco novo

Em casa, perante o casaco novo do marido:

- Acho que não te fica bem esse casaco. Apesar disso e de muito mais gostas de envergar o casaco. Aliás fazes questão de o vestir e, dentro dele, todo tu ondulas para que reparem em ti para que te sintas olhado vaidoso baboso e a-rro-gan-te.
- Que raio te deu para comprares esse casaco?!... Deita-o fora enquanto é tempo! Para além disso, assenta-te mesmo muito mal... Vai ver-te ao espelho.

Harpias

No tribunal, perante o juiz:

– Pelo conhecimento enciclopédico sei que há pulhas e também que há pulhas e pulhas Pelo conhecimento experiencial também sei porém que os há muito pulhas Estes quais harpias nunca saciadas perseguem as presas em crescendo de terror quase as petreficando

Esfregona

Assembleia na empresa de limpezas. Todas as funcionárias em coro:

– Pelos ‘verdes’ é que vamos Molhamos Salpicamos
Passamos Repassamos Mas não esfregamos
– E voltamos E molhamos E nunca esfregamos E
cedo nos vamos E não nos cansamos Pelas ‘verdes’
é que estamos

Hipnose

Ele mente

mente

mente

porque crente

crente

crente

E o povo consente

consente

consente

porque ausente

ausente

ausente

Lipoaspiração

Na rua, dois mendigos. Um com uma flauta; o outro com a voz:

– Asseverava-se que o Estado tinha gorduras a mais, vai daí toca a cortar nos mesmos que têm mais

– Como a carne não chegasse pròs glutões e sua gente, atiram-se pois aos ossos sem pejo de ir mais à frente

– Alcançado o tutano por furos bem colocados, chupam-no bem em três tempos sem olhar para outros lados

.....

– Dos perónios fazem flautas e trauteiam um requiem, que tem de ser por si próprios pois não resta mais ninguém

Energia negativa

Quase sempre que aqui venho, e venho cá muitas vezes (é o local de trabalho), o meu humor desce a pique Fico tão angustiado tão maldisposto e tão triste que a recuperação por vezes precisa de um par de meses

E não era nada assim Exatamente ao contrário

Intenções de sentido único

Sorrisos e mais sorrisos convocando a simpatia
Confiemos e abrimo-nos Não tarda muito, e ei-los
com discursos de coitadinhos Que estão sozinhos
no mundo Com Pai ou Mãe a espedir Sem um
chavo na algibeira... *Por Nosso Senhor Jesus Cristo!*
Por Nossa Senhora de Fátima! Pelas almas do
Purgatório! Por alma de quem lá tem!... Só com
um fito Aquele

Sem pé

No psicólogo:

- Não faço nem estou Não posso tão-só Por dentro já sinto a água com sal...
- Eu espero contudo que o dique aguente!

Ilusão de ótica

Na missa, o padre novamente inspirado:

– Deus escreve direito por linhas que entortam Mas
mesmo curvadas elas O suportam É nesse momento
com toda a atenção que olho o firmamento em
ebulição Não é um cometa o que nele vejo É lixo do
Espaço a cair ao Tejo

Choro interior

À porta do Céu, depois de cumprimentar S. Pedro:
– Não me sinto mal mas este estado não é o meu
Parece-me escutar uma lágrima por dentro... Estarei
a chorar?!... Porquê?! Gostava de perceber o que é
que se estará a passar lá dentro...

Votos

Troca de votos entre pessoas que se têm em alta estima:

– Desejo-lhe um Feliz Natal e um Feliz Ano Novo!
Que a Felicidade seja tanta que rebente!

Urgência

O capitão, momentos antes da revolta no Bounty:
– Estamos todos no mesmo barco Temos
responsabilidades Damos e queremos o melhor
Disso não tenho a menor dúvida Trato e tom terão
porém de mudar De outro modo vai arrombar-se

Música

Chegou o músico. A festa de casamento pode começar.

Mal se embeijou pelo órgão pôs-se logo a tocar
mas em vez de melodia espalhou só foi azar

E a forma como toca mais me parece a finados pois
em vez de reunir afasta todos pròs lados

Se assim continuar encomende-se o caixão Mais
rasteiro do que isto só mesmo o próprio chão

Pastel de Belém

Um deputado, à saída do hemiciclo:

– Idiotas como a ‘mãe’ e gulosos como são dizem
salvar a nação com as natas de Belém

Pontualidade

Depois de uma longa espera, eis que chega por fim o noivo:

- Nunca falto Mas também não consigo ser pontual, do que me penitencio
- Não descuro a perfeição, e isso rouba-me tempo Portanto não chego a horas
- Será que quero mudar Será preciso mudar Valerá a pena mudar

Extravagâncias

Na cama, antes de adormecer, para o marido:

– Preciso de ti De alguns tremoços E de emagrecer

Modalidades

A menina de 7 anos, na loja de bombons, para o pai:

- Quero ser feliz Preciso de ser feliz Tenho de ser feliz
- Posso estar feliz? Devo estar feliz?
- Creio ser feliz Penso estar feliz

A prumo

Sala de aula, exame oral:

Aprumo-me

Aprumas-te

Apruma-se

Aprumamo-nos

Aprumais-vos

Aprumam-se

Aprumar-me-ia ...

... se tu te aprumasses

Aprumar-te-ias ...

... se eu me aprumasse

Aprumar-se-ia ...

... se ela se aprumasse

Aprumar-nos-íamos ...

... se vós vos aprumásseis

Aprumar-vos-íeis ...

... se nós nos aprumássemos

Aprumar-se-iam ...

... se eles se aprumassem

Tudo-nada

Com 99 anos, sabendo-se vencedor do Euromilhões:
– Tudo na minha vida acontece tarde Mas acontece

N de Natal

Num centro comercial, um Rei Mago segura neste cartaz:

Natal é o nascimento

da Esperança

do Amor

da Ternura

do Amparo da Alegria e do que é afim e que aqui caiba

Homónimos

Fim do debate televisivo. Cada candidato dispõe de uns segundos finais. Diz um:

– O seu nome é homem na língua de Homero, mas são portugueses com repulsa a Nero São jovens diferentes à sua maneira e nasceram perto da Vila da Feira Tratam-me por tu porque assim o quis e são importantes como o rei Dinis

Reciprocidade

E retorquiu, depois, o outro:

– Aprecio muito a enorme estima que tu tens por mim

Conhecimento

É espantoso como no fundo ninguém sabe nada de nada
Absolutamente nada Espantosamente

Posfácio

Lugares do Imaginário

Mp3 & outras minificções, segunda obra literária de Henrique Barroso, oferecem ao leitor um conjunto de motivos que, nos termos de Gilbert Durand, se poderiam designar como obsidianes no imaginário do autor.

O título da obra pode interpretar-se como uma incorporação de valores da pós-modernidade: o esgotamento de formas tradicionais narrativas, em particular do romance; a aceleração e a fragmentação; a brevidade imposta por um pacto de leitura que implica um novo tipo de leitor. A obra contempla as características mais relevantes deste género literário, sistematizadas por David Roas em “El microrrelato y la teoría de los géneros” (2008) – concisão, estrutura simples, exigência de um leitor participativo.

Numa primeira abordagem, *Mp3 & outras minificções* apontam para uma multiplicidade de signifi-

cados que, apesar de uma aparente desarticulação – refletindo a própria fragmentação pós-moderna – é unificadora: inquietações diante de vicissitudes e iniquidades de natureza ética, social, política e econômica que definem a atualidade ou grande parte daquilo que menos positivamente ela revela; evocação nostálgica de um passado individual e coletivo marcado por valores presentemente inexistentes ou dificilmente identificáveis; reflexão sobre a efemeridade da condição humana; afirmação do lugar do escritor na adversa temporalidade presente.

A obra revela um imaginário literário tecido de antinomias. Na verdade, os motivos são tratados com uma significativa frequência através de redes de contrastes que, transpondo para a literatura uma técnica pictórica celebrizada pelos pintores barrocos, permitiria ver cumprido o *chiaroscuro*, expresso em múltiplas dicotomias. Assim, logo na microficção inaugural, “Missa sem evangelho”, assiste-se a uma oposição entre o território secular, de que o sujeito se afirma participante, e o território religioso, transferido para uma segunda pessoa com a qual aquele não se identifica:

Podes até ser bom rapaz mas não vou à tua missa O
culto é oculto

Observa-se também nesta nanoficção uma proclamação de vivência interior do religioso, que se afirma como autêntica. Tal evidência pode alargar-se a todas as composições que veiculam inquietações religiosas e nas quais sobressai a permanente dialética natural / artificial. Recorde-se a este respeito “Ilusão de ótica”:

Na missa, o padre novamente inspirado:

– Deus escreve direito por linhas que entortam Mas mesmo curvadas elas O suportam É nesse momento com toda a atenção que olho o firmamento em ebulição Não é um cometa o que nele vejo É lixo do Espaço a cair ao Tejo

Àquela dialética associa-se simbolicamente a queda do Transcendente: o mundo representado na obra parece caminhar para o desencanto e a dessacralização.

A historicização da figura divina em “Oração que a vida me ensinou” revela também a valorização de qualidades humanas em clara oposição à ausência das mesmas, sendo certo que tal afirmação acarreta uma consciência lúcida de sofrimento pessoal e de desajustamento do mundo. O apelo humanista (associado a uma relação intertextual que adultera deliberadamente uma oração) estabelece uma relação de proximidade com o divino:

O padre, na missa, cada vez mais inspirado:

– Pai nosso que estás aí, humanizado seja o teu nome, venha a nós o nosso reino, seja feita a nossa vontade assim aqui como aí
– O pão nosso de cada dia nos dá hoje, perdoemos uns aos outros todas as faltas de tato e não nos deixes cair do avião e livra-nos de todas as sacanices

Atente-se mais demoradamente nas inquietações morais e humanistas do autor. Obsidiantemente presentes na obra, elas definem um percurso singular pautado em primeiro lugar pela simplicidade, motivo

dominante nas minificções “Pirâmide invertida e coador”, “A mentira”, “Delfos”, “Casaco novo”, “Sabedoria” e “Energia negativa”. Humildade e autenticidade conjugam-se na defesa inabalável da verdade e da capacidade de suportar os efeitos dessa posição (ostracização social, incompreensão e hostilidade). Sustentam-se nestes textos valores que apostam em relações humanas genuínas, leais e generosas; a simplicidade que deriva da afirmação de dignidade de quem prefere “ser vassalo de rosto levantado a grande suserano curvado todo o ano”; a simplicidade, em suma, que repudia a falsidade, a artificialidade e a dissimulação.

Na leitura de *Mp3 & outras minificções* dificilmente se esquecem, em formulações adaptadas ao tempo presente e ao leitor atual, os valores da Epístola de Paulo aos Coríntios sobre o amor: “O amor é paciente, o amor é prestável, não é invejoso, não é arrogante nem orgulhoso, nada faz de inconveniente, não procura o seu próprio interesse, não se irrita nem guarda ressentimento. Não se alegra com a injustiça, mas rejubila com a verdade. Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta”.

Num enquadramento teórico, esta reativação de valores e sua contextualização numa outra temporalidade constitui uma concretização de outra característica da minificção: a intertextualidade.

As inquietações humanistas e morais desta obra literária encontram em “Furto” uma feliz síntese:

O que é a crise? – pergunta o engravatado. O colega sem óculos responde:

– Apesar do verão o meu país está cada vez mais frio quase enregelado Os representantes roubaram a Esperança aos representados

Simbolicamente traduzida na imagem do frio extremo, a crise representa sobretudo o roubo da esperança, a mais letal violência do poder, depois de aos “representados” tudo ter já sido subtraído.

Vem a propósito refletir sobre um outro grupo de motivos, constituído pelas inquietações políticas e económicas que não podem, todavia, ser lidas nesta obra como uma manifestação de repulsa pelo utilitarismo, essencialmente nos seus reflexos morais. *Mp3 & outras minificções* não são textos de intervenção no sentido mais restrito do termo; são composições de indignação. A respeito da minificção supratranscrita – como ainda das composições “Fábula”, “Hipnose”, “Lipoaspiração”, “Litania do presente”, “Pastel de Belém” e “Zé-Povinho” – importa sublinhar a reflexão política, sempre acompanhada por uma subtil ironia. O recurso à fábula clássica serve (como tradicionalmente acontecia) para censurar políticas económicas e sociais arbitrárias e insensatas: a um almocreve, camonianamente “posto em sossego”, resignado e obediente, é retirada toda a possibilidade de alimentar os seus animais, dos quais depende a sua própria sobrevivência. Metaforicamente, o que os “senhores do mundo” conseguem é destituir a humanidade do almocreve, metonímia de tantos seres humanos alienados, e do seu direito a uma existência digna – no limite, a uma existência, apenas.

Na nanoficção “Hipnose” (onde a minificção interage com a poesia visual), este processo de desu-

manização é conseguido através da reiteração vocálica que, ao mesmo tempo, sugere foneticamente um efeito de melancolia e de eternização: qual hipnotizador do romance de Thomas Mann *Mário e o Mágico* – metáfora de um regime totalitário que magnetiza as massas – esta terceira pessoa (dir-se-á um dos “senhores do mundo”) reitera a falsidade que aliena “o povo”.

A retórica do poder alicerçada em discursos que almejam fazer aceitar méritos de políticas de austeridade iníquas é também motivo para indignação nas minificções “Pastel de Belém” e “Zé-Povinho”, ambas denunciando, pela brevidade e pelo tom imperativo, uma catarse.

Impõe-se ainda uma incursão pelas inquietações existenciais do autor de *Mp3 & outras minificções*: sendo verdade que elas se agravam diante dos motivos antes referidos e de um tempo pouco permeável a valores humanistas, torna-se ainda mais relevante destacar aquelas minificções mais intimistas – atrevo-me a designá-las como existencialistas – que abandonam o ponto de vista do observador para se fixarem no do observado. Em *Mp3 & outras minificções* assiste-se a uma desassombrada revelação do Eu, quer na manifestação de valores e de atitudes que o definem, quer nas propostas feitas aos leitores. Em registos por vezes aforismáticos e nos quais também soam ecos pessoanos, apela em “Apenas química”:

Cinco bolinhos chineses da sorte, cinco mensagens:

Sê grande sendo pequeno
Sê tudo sendo nada
Afirma-te anulando-te

Saboreia dissolvendo-te
Agarra-te soltando-te

Esta minificção ecoa tematicamente o conteúdo de “Temporalidades”, uma manifestação inequívoca e, sobretudo, inquestionável, de integridade pessoal, a que se associa o desejo eterno de reconhecimento dessa inteireza. Ao mesmo tempo, “Temporalidades” denuncia uma inquietação existencial com o escoamento da vida:

Dizia assim o epitáfio: “Sou inteiro Fui inteiro Vou ser inteiro Ponto final”

“Consequência” é outra minificção que estabelece de forma inequívoca as fronteiras do Eu, o território mental pessoal (segundo Deleuze), livre e inalienável:

O menino de 4 anos para a professora:

– Como não sou nem seguidista nem impostor,
transporto ao peito queira ou não queira o dissabor

É um Eu por vezes desenquadrado do mundo – porque em rutura com a fragilidade moral e a inépcia política – aquele que se apresenta em “Valores”:

Uma sala escura. Ele:

– Estou neste reino Vim de outro mundo Quanto
mais falo mais vejo o fundo Nesta morada tenho de
ser, não por paixão mas pra viver Neste jardim é bom
sorrir, não por estar bem mas pra fingir Voltar a casa
seria bom, não pra fugir mas pelo tom

A raiz telúrica deste conjunto de minificções, que “Valores” tão bem exprimirá, concorre também para a reiterada defesa da verdade, da naturalidade, da generosidade e da autenticidade.

Numa época em que os valores humanistas legados pela cultura clássica têm dificuldade em sobreviver, *Mp3 & outras minificções* reavivam, numa linguagem despretensiosa – “simples”, diria talvez o autor –, na construção breve, no diálogo com a poesia visual, na intertextualidade e em registos de quando em quando aforismáticos, os Valores que a Literatura é capaz de veicular e o Valor da Literatura enquanto expressão da dimensão mais profunda do ser humano.

A reflexão aqui proposta não segue pressupostos biografistas. Todavia, o vínculo intenso escritor-homem permite ao leitor aprofundar o conhecimento dos valores que norteiam uma existência e do modo como o texto literário conduz tais valores.

Maria do Carmo Cardoso Mendes
1 de abril de 2015

Índice

NANO E MICROFICÇÕES

Missa sem evangelho	11
A mentira	12
Valores	13
Cerco de Lisboa	14
Pirâmide invertida e coador	15
Consequência	16
Queriam!	17
Permissão	18
Litania do presente	19
Perseverança	21
Apenas química	22
Temporalidades	23
Cortesia	24
Cartão de boas-festas	25
Oração que a vida me ensinou	26
Zé-povinho	27
Sinestesia	28
Sabedoria	29
Homogeneizar	30
D. Salamurdo	31
Mp3	32
Desprendimento	33
Estatelamento	34
Tirocínio	35
Coisas simples	36
O finalista	37
Rugas	38
Pináculo	39
Tatuagem autorizada	40
Radical	41

Furto	42
Arrepio	43
Delfos	44
Mentes a secar	45
Fábula	46
A tota e a perdigota	48
Coroação	49
Casaco novo	50
Harpías	51
Esfregona	52
Hipnose	53
Lipoaspiração	54
Energia negativa	55
Intenções de sentido único	56
Sem pé	57
Ilusão de ótica	58
Choro interior	59
Votos	60
Urgência	61
Música	62
Pastel de Belém	63
Pontualidade	64
Extravagâncias	65
Modalidades	66
A prumo	67
Tudo-nada	68
N de Natal	69
Homónimos	70
Reciprocidade	71
Conhecimento	72

POSFÁCIO

<i>Lugares do Imaginário</i>	75
------------------------------	----

Mp3 & outras minificações
Henrique Barroso

Capa: Edições Húmus

© Edições Húmus e Henrique Barroso, 2015
End. Postal: Apartado 7081
4764-908 Ribeirão – V.N. Famalicão
Tel. 926 375 305
humus@humus.com.pt

Impressão: Papelmunde – V. N. Famalicão
1.ª edição: Setembro de 2015
Depósito Legal n.º: 397500/15
ISBN: 978-989-755-170-3

Numa época em que os valores humanistas legados pela cultura clássica têm dificuldade em sobreviver, *Mp3 & outras minificações* reavivam, numa linguagem desprestigiada – “simples”, diria talvez o autor –, na construção breve, no diálogo com a poesia visual, na intertextualidade e em registos de quando em quando aforismáticos, os Valores que a Literatura é capaz de veicular e o Valor da Literatura enquanto expressão da dimensão mais profunda do ser humano.

A reflexão aqui proposta não segue pressupostos biografistas. Todavia, o vínculo intenso escritor-homem permite ao leitor aprofundar o conhecimento dos valores que norteiam uma existência e do modo como o texto literário conduz tais valores.

Maria do Carmo Cardoso Mendes (Do posfácio)